



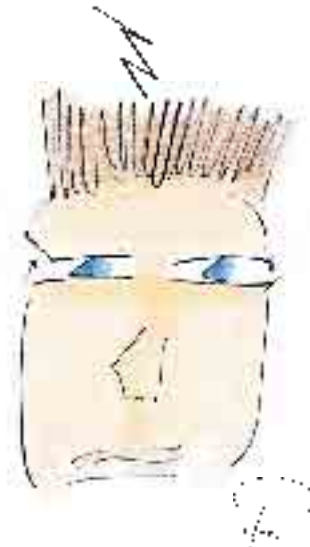
CONSUMIMOS IMAGENS QUE NÃO NOS DIZEM RESPEITO, HISTÓRIAS QUE NÃO NOS PERTENCEM, VIDAS QUE NÃO SÃO NOSSAS.



A DEMOCRACIA VIROU UMA PALAVRA VAZIA. O DIREITO PERDEU SEU REAL SIGNIFICADO.



AS IMAGENS E CELEBRIDADES PROPAGADAS PELA MÍDIA, SUBSTITUEM A FAMÍLIA, A ESCOLA E A IGREJA, COMO ÁRBITROS DE GOSTO, VALOR E PENSAMENTO.



ESPECTADORA São 22:00 horas de terça-feira, último instante para escrever o Observatório Geral da semana e me faltam palavras, idéias que traduzam minhas impressões. Abro as revistas, os livros ao redor, os jornais do fim-de-semana, ligo a televisão, mas nada me atrai, motiva ou estimula. É como se o mundo estivesse cristalizado nas suas próprias mazelas e eu, petrificada na minha condição de espectadora, assisto a multiplicação dos Sanguessugas na CPI. Leio as notícias de uma campanha política que não empolga ninguém. Ouço as escutas telefônicas, em voga no momento, reafirmando a crescente bandidagem. Vejo a corrupção crescente nos três poderes e em todas as suas esferas; municipal, estadual e federal.

SUJEITOS SEM IDENTIDADE Enquanto isso, as guerras se repetem, a intolerância se reafirma, a violência persiste e o radicalismo se multiplica em imagens duras, fortes e dolorosas. São crianças sem vida, empoeiradas de morte. Velhos trôpegos, fugindo de bombardeios. Homens e mulheres que perderam tudo. São pessoas sem nada, sujeitos sem identidade. São casas, ruas e histórias que viraram pó. Coisas que não existem mais. Ex-objetos. Espremidos pelo radicalismo, inocentes tentam escapar das explosões. De um lado encontram o Hezbollah. Do outro Israel. De um lado vêem o Fatah. Do outro Israel. No Iraque são os Xiitas, no Irã, os Ayatolás, no Afeganistão, os Talibás. É a guerra na sua forma mais cruel. Matando civis, explodindo inocentes, exportando o terror pelas lentes frias das câmeras.

DEMOCRACIA E DIREITO AGONIZANTES Em São Paulo, o PCC ataca outra vez. Explode, queima e atira, numa versão tupiniquim do radicalismo Islâmico. Farsantes, tentam igualar suas vidas bandidas e criminosas a causas legítimas de minorias oprimidas. No coração do Brasil o Legislativo virou um balcão de negócios. No Executivo e no Judiciário, alguns “espertos”, seguem o mal exemplo. A Democracia virou uma palavra vazia. O Direito perdeu seu real significado. Banalizados, Democracia e Direito são letras agonizantes.

AVANÇO DA BANALIDADE Histórias como estas tiram o fôlego, paralisam as idéias e roubam as palavras. Na visão de Jean Baudrillard “... é o avanço da banalidade, encarnada, neste início de século, na espetacularização do vazio. (...) É o desaparecimento do sentido, do sexo, da Verdade, do sonho, da política, da utopia, da infância, da morte, da realidade”. Em seu livro “A Sociedade do Espetáculo”, Guy Debord diz que “... o espetáculo é a principal produção da sociedade atual. (...) Não diz nada além de - o que aparece é bom”.

REALIDADE E IMAGEM Segundo Douglas Kellner “...a cultura da mídia é a cultura dominante; substitui as formas de cultura elevada para grande número de pessoas. Suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a Igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento.(...) É um novo mundo virtual de entretenimento, informação, sexo e política que está reordenando percepções de espaço e tempo, anulando distinções entre realidade e imagem, enquanto produz novos modos de experiência e subjetividade”.

COMPORTAMENTO HIPNÓTICO Para Guy Debord, “quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico”. É assim que a TV Globo, a CNN, a Al Jazeera e os telefones celulares nos presídios de segurança máxima influenciam e até dominam muitos corações e mentes, fabricam ídolos e desviam nossas atenções das reais necessidades. Talvez por isso, nossos jovens consumam tanto álcool, nossos corpos e mentes estejam tão estressados, nossas crenças e valores estejam tão vagas. Porque consumimos imagens que não nos dizem respeito, histórias que não nos pertencem, vidas que não são nossas, estilos que não construímos. Somos seres ao avesso de nós mesmos, fingindo ser o que não somos, desejando ter o que não é nosso e assim, propensos a toda sorte de desvios, negamos nossas origens e nossas reais necessidades.